

Indigente

Sinara Dal Magro¹

O homem chama-me vagabundo.
A mulher me diz, covarde.
O jovem a mim zomba, alcooliza.
A criança? Ela se inquieta, analisa.

Quando eu fui homem, fiz tudo certo.
Tive família, fui empregado e submisso.
Por um momento eu fui aceito.
O desastre? Este não houve! Um deslize, um trejeito.

Ao ter uma mulher, eu amei.
Conheci a plenitude da vida
Virei palhaço, rocha, criança.
Quem errou? O amor não erra, mas o abandono de si, cansa.

Ao ser jovem, tive oportunidades
De conhecer o periférico, mas nunca a essência.
Fui rebelde, inocente e por algumas vezes fui culpado.
O erro maior? Ao sistema fui alocado.

A criança que habita em mim
Faz de tudo uma brincadeira
Divertido é dormir na rua, não ter nome ou referente.
Não ser homem, nem menino, ser Indigente.

¹ E-mail: sinaradm@msn.com